

Gislene Cristina Alves.



**AS MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES DO ENSINO DE
ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE PÚBLICA
MUNICIPAL DA CIDADE DE CONSELHEIRO LAFAIETE.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Gislene Cristina Alves.

**AS MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES DO ENSINO DE
ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE PÚBLICA
MUNICIPAL DA CIDADE DE CONSELHEIRO LAFAIETE.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Maurício Silva Gino.

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *As mudanças e transformações do Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil na Rede Pública Municipal da cidade de Conselheiro Lafaiete*, de autoria de Gislene Cristina Alves, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Maurício Silva Gino - Orientador

Nome do professor membro da banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013.

AGRADECIMENTOS.

Agradeço a Deus, que me fortificou e iluminou nos momentos de dificuldade e desafios.

Agradeço ao meu querido filho Carlos Henrique, que enfrentou com paciência nos momentos em que estive ausente.

Agradeço ao meu noivo Filipe por estar ao meu lado em todos os momentos.

Agradeço também aos orientadores, professores, coordenadores e tutores do curso, pela dedicação e atenção aos meus anseios e dúvidas.

Agradeço aos amigos do curso, pelos momentos de aprendizagem e convívio, em especial a amigona Denise que tanto me ajudou.

Agradeço as professoras que tanto contribuíram com os questionários e entrevistas.

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho.

RESUMO.

A presente monografia trata das mudanças que aconteceram no Ensino de Artes Visuais na educação infantil da Rede Pública Municipal da cidade de Conselheiro Lafaiete nos últimos treze anos. Faz um breve panorama sobre a história do Ensino de Artes no Brasil e mostra alguns aspectos do ensino de Artes Visuais em conselheiro Lafaiete, através de uma pesquisa com educadores da Educação Infantil, mostrando a importância de se trabalhar essa área do conhecimento desde os primeiros anos escolares.

Palavras-chave: Artes Visuais. Educação Infantil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Gráfico 1.....	29
Figura 2- Gráfico2.....	30
Figura 3- Dobradura barquinho de papel.....	33
Figura 4- Dobradura flor.....	33
Figura 5- Recorte e colagem.....	33
Figura 6- colorido e colagem.....	33
Figura 7- Pintura.....	34
Figura 8- Recorte e colagem.....	34
Figura 9- Ilustrando uma história.....	35
Figura 10- Pintura livre.....	35
Figura 11- Estudando sobre o autorretrato.....	35
Figura 12- Fazendo um autorretrato.....	35
Figura 13- Obra “Pé” de Candido Portinari.....	36
Figura 14- Releitura da obra “Pé”.....	36
Figura 15- Obra “Vaqueiros” de Jurandi Assis.....	36
Figura 16- Quebra-cabeça com a obra “Vaqueiros”.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1- Contexto histórico do Ensino de Artes no Brasil.....	09
CAPÍTULO 2- O Ensino de Artes na Educação Infantil na Cidade de Conselheiro Lafaiete.....	15
CAPÍTULO 3- Metodologia de pesquisa.....	25
3.1- Instrumentos de coleta de dados.....	25
3.1.1- Entrevista.....	25
3.1.2- Questionário.....	29
3.1.3- Apresentação das atividades.....	32
CAPÍTULO 4- Análise dos dados.....	37
Considerações finais.....	40
Referências.....	42

Introdução.

Nesta pesquisa lançarei um olhar crítico sobre o Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, e estudarei as formas que o Ensino de Artes pode atuar para transformar a construção do pensamento da criança, pertinente ao seu desenvolvimento. Baseado no Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte e principalmente no Curso de Especialização em Artes Visuais à Distância-EBA/UFGM. Pretende-se reforçar que o Ensino de Artes deve propiciar o desenvolvimento sócio-cultural visando à autonomia e a sensibilidade artística.

O ensino de artes é de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual da criança, e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: O aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (GOUTIER, 2008, p.19).

No capítulo I, pretende-se abordar a história do Ensino de Artes no Brasil, partindo do momento em que o ensino de artes visuais se tornou uma disciplina obrigatória, as práticas e metodologias da época, para que assim possamos entender melhor as práticas e metodologias que estão sendo utilizadas nos dias atuais.

A criança utiliza-se da linguagem artística para expressar sua maneira de compreender o mundo, suas emoções, anseios, de acordo com a sua história de vida. No capítulo II, tem-se como objetivo examinar o Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil nos dias de hoje, na cidade de Conselheiro Lafaiete.

O professor é peça fundamental no processo ensino/ aprendizagem, mas muitas vezes ele leva para a sua prática pedagógica experiências construídas no decorrer de sua vida escolar, e historicamente falando, sabemos que o ensino de artes até bem pouco tempo era trabalhado de forma equivocada. Então, por este motivo propõe-se no capítulo III, a coleta de dados para um melhor entendimento do processo de ensino/aprendizagem dos conteúdos artísticos na educação infantil. Já no capítulo IV busca-se fazer uma análise dos dados coletados, da atuação dos educadores de forma geral e um breve estudo das metodologias de ensino desenvolvidas no panorama atual da educação infantil da rede pública municipal da cidade de Conselheiro Lafaiete.

Segundo Gouthier,

A contextualização do ensino da arte leva a uma mudança significativa no aparato legal. Mas nem por isso a legislação foi incorporada na prática cotidiana da maioria das escolas, ainda distantes das reflexões contidas na LDBN e nos próprios PCN” (GOUTIER, 2008,p.21).

Apesar das mudanças que vem acontecendo no ensino de arte, muito ainda há de se fazer para que efetivamente se coloque em prática a legislação educacional fazendo acontecer a valorização do ensino de artes como área de conhecimento, pertinente à construção e o desenvolvimento de cidadãos críticos e autônomos.

Capítulo I - Contexto histórico do Ensino de Artes no Brasil.

O presente capítulo tem como foco principal fazer um breve resumo da história do ensino da arte no Brasil pesquisando sobre alguns fatos importantes que ocorreram durante o percurso histórico e pontuar somente alguns acontecimentos que são de suma importância para esta pesquisa. A ideia é pesquisar e buscar referências que nos coloquem a par das mudanças ocorridas durante o percurso histórico e que nos tornem hábeis para progredir em nossas práticas educacionais diárias.

Para entender o percurso do ensino de artes no Brasil dentro do contexto histórico e buscar uma maior compreensão do que estamos vivenciando no presente momento, é preciso que voltemos o nosso olhar para o início do ensino da arte, como tudo começou e assim entenderemos melhor os caminhos que o ensino de arte tomou ao longo do tempo.

Conhecer a trajetória percorrida pela arte é uma forma de reconhecimento das nossas origens, das práticas pedagógicas e acharemos possibilidades para uma observação, mais aprofundada do fazer artístico e das práticas adotadas por muitos professores da atualidade.

Saber da história e analisá-la pode nos ajudar a compreender o presente e projetar melhor a atuação no futuro. Conhecer e analisar as diversas metodologias de ensino de arte passa a ser fundamental para contribuir com a melhor adequação e a dinamização do processo de ensino/aprendizagem. (PIMENTEL, 2008, p.2)

De acordo com Ana Mae Barbosa e Lucia Gouvêa Pimentel, o ensino de artes no Brasil teve o seu início com os Jesuítas que começaram com o processo de educação e catequese dos indígenas que aqui se encontravam e também de outras pessoas que vinham de Portugal. O trabalho dos Jesuítas tinha como princípio norteador uma separação entre a retórica e os trabalhos feitos manualmente onde o bem falar sempre teve mais valor do que os trabalhos que eram executados com as mãos, e infelizmente carregamos tais valores até hoje. Com o fim da época Jesuítica, criou-se um vazio na educação, e

Portugal tenta suprir este vazio com algumas importações do que para eles deveria ser a nova forma de educação no Brasil.

O ensino da arte no Brasil oficialmente tem seu início em 1826 quando foi criada a primeira academia Imperial de Belas Artes vinda da França. Os franceses chegaram ao Brasil em 1816 para criar a escola Real de Ciências, Artes e Ofícios que deveria ensinar ofícios artísticos e mecânicos, como o desenho industrial, mas só após dez anos eles conseguiram criar essa escola que passou a ser chamada de Academia Imperial de Belas-artes, com isso o público alvo que anteriormente seria voltado para trabalhadores agora ganha ares aristocráticos, e passa a ser um símbolo de distinção social com conteúdos focados na formação artística.

Esse momento é quando, segundo Barbosa (2002), a “concepção popular de arte de então é substituída por uma concepção burguesa” e o aprendizado deixa de ser por meio do trabalho e se estabelece “por árduos exercícios formais”. Outro dado significativo do período apontado por Barbosa (2002) é que a atividade artística não era incluída nas escolas elementares públicas. (GOUTHIER, 2008, p.41).

Quando iniciam-se as discussões do que realmente seria o ensino de arte que teve início com o ensino do desenho em suas variadas áreas e em diferentes categorias como o desenho gráfico, desenho artístico, desenho industrial e desenho decorativo, começa-se a pensar na necessidade do ensino do desenho na educação formal. Em 1870 época em que acontece a primeira industrialização brasileira nas áreas do ferro batido, da construção civil dentre outras, vê-se a necessidade da formação de profissionais para o trabalho nas inúmeras áreas que envolvem o desenho.

A primeira tentativa de se fazer uma lei orgânica no Brasil para o ensino primário e secundário ocorre por volta de 1880, quando Rui Barbosa recebendo um projeto de lei vindo da câmara de deputados da época, ignora-o e cria um projeto de sua autoria no qual o ensino do desenho aparece com a maior relevância até os dias atuais.

A implantação de arte como disciplina nas escolas primárias e secundárias, e mesmo sua obrigatoriedade, estão baseadas primeiramente nas ideias de Rui Barbosa, expressas em 1882 e 1883, nos seus projetos de reforma de ensino primário e secundário,

e no ideário positivista divulgado a partir da segunda metade do século XIX. (GOUTHIER, 2008, p.12).

O mesmo acontece em 1996, quando a câmara dos deputados preparou um projeto de lei onde dava-se ênfase ao ensino de artes, que foi enviado para aprovação no senado, mas o presidente do senado indicou o Sr. Darci Ribeiro para relator e ele deixando de lado o presente projeto criou um novo projeto de sua própria autoria que não incluía Artes como matéria obrigatória. Os arte educadores da época iniciaram uma grande luta para que esse projeto não fosse aprovado exigindo a permanência da obrigatoriedade do ensino de artes na educação e felizmente eles conseguiram.

Com a nova LDBN, é extinta a Educação Artística e entra em campo a disciplina Arte, reconhecida oficialmente como área do conhecimento: “o ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (artigo 26 da lei de diretrizes e bases nacional de 1996 parágrafo 2º). Essa mudança não foi apenas nominal, “mas de toda a estruturação que envolve o tratamento de uma área de conhecimento. De atividades esporádicas de cunho mais próprio de relaxamento e recreação, passa-se ao compromisso de construir conhecimento em Arte” (PIMENTEL, 2006, P.1).

Segundo Ana Mae Barbosa, podemos afirmar que o modernismo tem início no Brasil com as escolinhas de Arte, um movimento que começa com a arte educadora Noêmia Varela que unida a muitas outras mulheres que também são arte educadoras dão início ao ensino não formal para crianças. As escolinhas são as primeiras instituições realmente de ensino moderno, pois a Escola de Belas Artes só se transformará depois. No modernismo os educadores buscavam a livre expressão dos alunos buscando que colocassem para fora seus sentimentos e anseios sem preocupações com reproduções reais e sem cópias de obras de arte famosas, evitava-se até a exposição de obras famosas em sala para que os alunos não caíssem na tentação de copiá-las.

Noêmia varela, que fundou a Escolinha de Arte de Recife, assumiu mais tarde a direção da Escolinha de Arte do Brasil, criada por

Augusto Rodrigues, em parceria com a professora de arte Lúcia Alencastro Valentim e a escultora norte-americana Margareth Spencer. A escolinha de arte do Brasil começou suas atividades em 1948, nas dependências da Biblioteca Infantil do Rio de Janeiro. Segundo Ana Mae Barbosa, a Escolinha de Arte, em parceria com o governo, promoveu vários cursos de formação de professores, com “uma enorme influência multiplicadora, chegando a haver 32 Escolinhas no país.” (BARBOSA, 2003). Entre as premissas do que se chamou de “movimento das Escolinhas” estava à ideia de “contaminar” as práticas pedagógicas escolares, convencendo as professoras da “importância de deixar a criança se expressar livremente usando lápis, pincel, tinta, argila etc” (GOUTHIER, 2008, P.17).

A expressão Ensino da Arte só começa a ser usada nas escolas brasileiras após 1971, em substituição ao chamado ensino do desenho. Nessa época havia um curso para a preparação de professores que recebeu o nome de Professorado do desenho, que com a chegada da lei 5692/71, viu-se a necessidade da criação de um curso superior para a formação de professores.

Em 1973, para suprir a demanda criada, vieram os cursos superiores para preparar os professores polivalentes, inaugurando a Licenciatura em Educação Artística. Uma formação com duas opções, a Licenciatura Curta, em dois anos, e a Licenciatura Plena, em quatro. Nas escolas a arte ocupa o lugar de atividade, lazer ou relaxamento, sendo ignorada como área de conhecimento. (GOUTHIER, 2008, p.19).

O que se percebe nessa época é o ensino de arte usado como uma utilidade no dia-a-dia das escolas, na confecção de presentinhos para as datas especiais como dia das mães e dia dos pais, e também trabalhos para a ornamentação das escolas nas datas comemorativas, dentre outras coisas que na verdade não são o ensino de artes. Nesse período de livre expressão surgem os trabalhos com técnicas que utilizavam giz de cera, massinha, desenhos geométricos, nanquim, vela, dentre outras, supondo-se que se o educando soubesse utilizar tais materiais ele saberia se expressar artisticamente.

Por influência da psicologia, as atividades de arte são valorizadas como exercício de liberação emocional e recurso de expressão do

indivíduo. Mais tarde, as escolinhas de artes se multiplicam incentivando a livre expressão. A auto-expressão, como atividade educativa, deve levar o aluno a crescer cada vez mais ampliando os seus conhecimentos em arte, para melhor se expressar. A partir daí surge, na escola, o *laisser-faire* (deixar-fazer), uma postura equivocada, que nega a atuação do professor procurando preservar a expressão espontânea, que acabou no espontaneísmo esvaziado do sentido de ensino de arte. (CORAGEM, 2011, p.4).

O panorama que se faz presente no século XXI tem como foco principal a abordagem triangular sistematizada pela arte educadora Ana Mae Barbosa, onde todas as metodologias, métodos, técnicas e caminhos que se possam criar para o ensino de artes estão mergulhados nos conceitos de fazer, observar e contextualizar.

A proposta da abordagem triangular começa em 1980, tendo surgido devido à necessidade de uma proposta de ensino pós-moderna de arte e também da busca de alternativas para as práticas educacionais da época. Essa proposta é ainda hoje uma das maiores referências que temos para o trabalho com o ensino de Artes no Brasil.

O processo da abordagem triangular busca englobar alguns pontos do ensino/aprendizagem que seriam a leitura de imagem, sua contextualização e o fazer artístico ao mesmo tempo. Enfim, o que se pretende com essa proposta é a construção de conhecimento e a interação direta com a arte fazendo, contextualizando e observando ou vice-versa.

Primeiramente, é muito difícil, para muitos de nós, percebermos a Arte como área de conhecimento. Essa questão nos leva a pensar na nossa própria formação. Temos que considerar a experiência que a maioria de nós passou quando éramos alunos. Muitos de nós sequer tivemos contato com a arte. Quando muito, salvo pouquíssimas exceções, vivenciamos aulas pautadas por estereótipos, ou seja, a partir de modelos do senso comum: o sol com olhos e boca, bichos parecendo gente, usando bolsas, sapatos e laços na cabeça. (DEBORTOLI, 2009, P.29)

A História do ensino da Arte no Brasil vem sofrendo profundas modificações desde o descobrimento do nosso país até os dias de hoje, sempre em busca de esclarecimentos, valorização, construção de novas práticas, profissionalização e o embasamento teórico e prático do fazer artístico.

As mudanças aconteceram de forma gradativa tentando sempre adquirir uma identidade nacional para o ensino da arte. Nessa busca incessante, muitas mudanças foram acontecendo até que depois de muito tempo e lapidações chegamos a tão sonhada LDBM lei 9.394/96 que tornaria possível o ensino de artes em todo o âmbito escolar, mas não foi isso que aconteceu e infelizmente até hoje não acontece.

As aulas de artes eram vistas como passatempo sem significado, tempo de descanso, ou como prática meramente decorativa e infelizmente quando se trabalhava alguma prática artística não havia contextualização. Mas hoje sabemos que o fazer artístico propicia em sua magnitude o crescimento e aprimoramento na construção do conhecimento.

O fato de termos tido contato com lápis de cor, tintas, pincéis, argila e outros materiais, não significa que tivemos a oportunidade de construir conhecimento em arte. Usamos, sim, ferramentas da arte, o que é uma outra coisa bem diferente do ensino de arte. O fato de lidarmos com números e palavras, por exemplo, não significa, necessariamente, que estamos construindo conhecimento em matemática ou português... Tudo depende de como essas ferramentas são percebidas e utilizadas. (PIMENTEL, 2006, P.2).

As principais mudanças estabelecidas a meu ver foram a criação da lei 9.394/96, a criação dos PCN em 1998, a profissionalização dos professores da área e a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, que trouxeram à tona procedimentos necessários e indispensáveis à adequação das novas perspectivas do fazer artístico.

Mudanças significativas aconteceram durante o percurso histórico do Ensino de Artes no Brasil, em tese grandes transformações aconteceram principalmente no aparato legal. Novos rumos, novas tendências, muitas práticas, grandes reflexões, que provocaram mudanças concretas na maneira de se ensinar e aprender Artes, que nos leva a pensar na importância da arte na construção e formação do pensamento e conhecimento artístico dentro da sociedade contemporânea.

CAPÍTULO 2 - O Ensino de Artes na Educação Infantil Na cidade de Conselheiro Lafaiete.

Buscando o pleno desenvolvimento dos alunos da educação infantil, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) da cidade de Conselheiro Lafaiete, implantou nas escolas que atendem ao público infantil propostas cuja finalidade é a socialização e o desenvolvimento físico, emocional e intelectual dos educandos. Fazendo constar no regimento escolar, na grade curricular e nos programas de ensino a disciplina de artes, como componente curricular obrigatório, colaborador e peça fundamental para o crescimento global das crianças.

As turmas de Educação Infantil no ano 2000 eram coordenadas por uma equipe pedagógica centralizada na Secretaria Municipal de Educação de Conselheiro Lafaiete que se preocupou muito com professores e alunos buscando atender e apoiar os trabalhos da melhor forma possível, mesmo não estando presente nas escolas diariamente. Mas felizmente a demanda cresceu muito e esta equipe pedagógica já não conseguia mais atender de forma eficiente todas as turmas.

No ano de 2008 com o crescimento das turmas muitas escolas começaram a funcionar de forma independente e passaram a ter diretoras e coordenadoras pedagógicas para melhor atender alunos, professores e a comunidade escolar. Com este desmembramento cada escola construiu seu próprio regimento escolar, orientadas pela Secretaria Municipal de Educação, elaborado de acordo com as leis nacionais que regem a Educação Infantil e aprovada pelo Conselho Municipal de Educação.

Ao final do ano de 2011 a Prefeitura Municipal de Conselheiro Lafaiete, juntamente com a Secretaria Municipal de Educação, firmou contrato com o Sistema de Ensino Aprende Brasil, localizado na cidade de Curitiba. Pensando em uma maneira de melhor atender as crianças das escolas de educação infantil, foi confeccionado um material de trabalho para alunos e professores dentro das leis que regem a educação infantil, baseado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Este material foi desenvolvido na busca de integrar os conteúdos propostos para a idade série

à realidade dos alunos que se encontram nessa cidade, sendo completamente voltado para o desenvolvimento físico mental e social dos pequenos.

Arte é o conhecimento elaborado historicamente, que traz culturalmente a visão particular do artista e um olhar crítico e sensível sobre o mundo. Portanto, esta proposta considera fundamental o ensino de Artes à educação dos sentidos, concebido como conhecimento, trabalho e expressão da cultura. O trabalho sistemático com o conhecimento vai possibilitar o desenvolvimento, dos aspectos cognitivo, perceptivo, criativo e expressivo nas linguagens visual, musical, cerâmica e do movimento, por meio da fruição, da apreciação, da leitura e da reflexão do fazer, bem como da sua inserção no tempo (BELLO, 2008, p.5).

Foi a primeira vez que a educação infantil recebeu um material onde o ensino de Artes apareceu com a maior relevância, pois, até então, os planejamentos eram feitos por uma equipe pedagógica, que tentava da melhor forma possível preparar os planos anuais de ensino de artes, mas infelizmente muitos conteúdos deixavam de ser trabalhados. A Secretaria de Educação do município ofereceu muitos cursos de formação continuada para os professores, mas nesses cursos pouco se falava do ensino de Artes e às vezes nem se falava. Os conteúdos artísticos às vezes eram vistos como menos importantes, dava-se muita ênfase para o português e a matemática e o conteúdo de artes ficava como um momento de descontração e diversão entre uma matéria e outra. Os professores recebiam os materiais básicos para o ensino de artes como: lápis de cor, tinta, pinceis, cola, massinha, papéis variados, etc., mas faltava conhecimento para a utilização adequada dos mesmos.

Com a apresentação do material do Sistema de Ensino Aprende Brasil, um grande leque de novas possibilidades se abriu diante de professores e alunos, muitas mudanças foram propostas e uma maneira diferente de se trabalhar com os conteúdos artísticos foi apresentada. O material de apoio aos professores era de excelente qualidade, todas as atividades propostas nos livros eram desenvolvidas em um site que todos os professores da rede tinham livre acesso através de uma senha, que possibilitava a todos os

educadores uma maior interação com os conteúdos propostos mesmo que não fizessem parte da realidade de trabalho, antes vista. O acervo bibliográfico era bem amplo, de fácil acesso e os cursos de formação realizados bimestralmente tornava muito mais prático o trabalho com as novas atividades, conteúdos e com o material que era disponibilizado.

Este material do Sistema de Ensino Aprende Brasil articula as dimensões artísticas e estéticas no fruir e no refletir, no apreciar e no produzir, dinamizadas por meio de projetos que partem da problematização e interligam saberes das linguagens plásticas, teatral, corporal, cibernética. A intenção é levar aos alunos à compreensão desse saber estético e à construção de novos saberes artísticos por meio da alfabetização estética- educação dos sentidos-, para que eles possam utilizar os códigos gramaticais específicos de cada linguagem, suas diversas maneiras de composição e contextualização, no tempo e no espaço. Assim, eles poderão realizar eficientemente o diálogo com o mundo: “ler, compreender, refletir, expressar e fazer”. (BELLO, 2008, P.7).

O Sistema de Ensino Aprende Brasil disponibilizou também um site para as crianças onde eles, munidos de uma senha que estava no material do aluno, poderiam interagir com as atividades artísticas que eram trabalhadas na escola. As crianças podiam conhecer mais sobre os artistas trabalhados, visualizar obras, participar de brincadeiras e atividades que facilitavam a aquisição de conhecimentos e novas possibilidades para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, perceptivos e criativos do aluno.

O planejamento para o ano de 2013 foi dividido em quatro projetos que deveriam ser trabalhados bimestralmente e foram estruturados da seguinte forma:

Programa anual de ensino para alunos de quatro anos de idade (1º período).

1º bimestre.

Projeto um: O maravilhoso mundo das artes.

O mundo das artes.

A pintura.

O retrato e o autorretrato.

Expressões faciais.

O surrealismo.

O projeto integra o trabalho com técnicas artísticas, reproduções de pinturas, apresentação de artistas renomados como: Marc Chagall, sugestões de trabalho com o autorretrato, ilustrações de histórias, apreciação do surrealismo e um passeio pelo mundo das artes, mostrando aos alunos as diversas formas de expressões artísticas.

Este projeto tem como problema investigar e descobrir o que é arte. Pretende-se que a criança possa construir o seu conceito de arte ao se familiarizar com as diversas linguagens por meio da fruição reflexão e produção e com obras de diferentes artistas, os quais utilizam linguagens e técnicas diversas. Para isso, este projeto foi dinamizado por meio de textos poéticos, brincadeiras cantadas e histórias. Cada momento durante o desenvolvimento do projeto pode ser utilizado para contar uma história que deve integrar a pintura (Arte Visual), a música e o movimento. Ao final do projeto, reunir todas as partes ou momentos em uma apresentação, painel com histórias das imagens ou exposição dos livros que representem a reconstruções do texto e conceito de arte construído pelos alunos (BELLO, 2008, p.8).

2º bimestre.

Projeto dois: Passos e traços das artes.

Luz e sombra.

A arte na pré-história.

A pintura rupestre.

O ponto e a linha.

Animação.

O som.

O timbre.

Conversas informais sobre lendas mitos e histórias do surgimento da pintura são a base para o desenvolvimento desse projeto que busca mostrar às crianças de forma lúdica o surgimento da pintura na humanidade explorando a arte na pré-história a partir das pinturas rupestres. Criar personagens utilizando a sombra das mãos explorando luz e sombra, levar os alunos a escutar e prestar atenção aos sons que nos cercam, manusear e familiarização com instrumentos musicais, criar pinturas ou desenhos a partir

de pontos e linhas também são conteúdos importantes trabalhados nesse bimestre.

O projeto tem como problema investigar como ocorreu ou como pode ocorrer o processo de criação ou de expressão. Os alunos terão que descobrir e mostrar por que o ser humano cria e como criou imagens, músicas, movimento. Paralelamente, também, deverão mostrar como cada um pode se expressar e criar. Para descobrir o que levou o ser humano a criar e como, o projeto propõe seguir os passos e traços das primeiras manifestações de arte na história da humanidade e, também, na vida da criança. Com essa investigação, o projeto pretende que o educando possa conhecer e se familiarizar com diferentes formas de expressão, sentir-se seguro e curioso para experimentar, interpretar e se expressar com as diversas linguagens artísticas (BELLO, 2008, p.21).

3º bimestre.

Projeto três: A arte de brincar com a arte.

O movimento.

Candido Portinari.

Brincadeiras e jogos infantis.

Entorno sonoro.

A dança e a música.

Coreografia.

Este projeto busca evidenciar a relação entre a arte, as brincadeiras e os movimentos. Criar brinquedos inspirados em telas, criar telas vivas, construir brinquedos antigos, organizar o dia da brincadeira, pintar ou desenhar uma tela tendo como foco seus brinquedos ou brincadeiras preferidas, exposição das mesmas, continuar o trabalho com o entorno sonoro introduzindo dança e música, criando coreografias.

Este projeto enfoca o prazer de fazer arte, evidenciando que, por meio da música, gestos e imagens, é possível brincar e aprender de forma interessante e divertida.

Em contraponto a ideia de que fazer arte é fazer “travessuras”, o projeto mostra obras de artistas que levam as brincadeiras infantis muito a sério, tanto que se tornaram inspiração e marca em suas obras.

Durante o desenvolvimento do projeto, os alunos vão experimentar as linguagens das artes e resgatar brincadeiras de infância,

expressas nas telas, músicas, etc. assim, esse projeto articula temas e saberes das artes em momentos de integração que possibilitam a articulação dos processos de sensibilização, fruição, reflexão, e produção.

Os momentos do projeto estão dinamizados em situações pedagógicas que privilegiam histórias, textos poéticos, brincadeiras jogos, canções, charadas e desafios evidenciando a imaginação, o mistério, a curiosidade. (BELLO, 2008, p.31)

4º bimestre.

Projeto quatro: comunic'arte.

A música e a dança.

O impressionismo por Renoir e Monet.

O som dos objetos.

Dedoche

Ritmo do som.

Textura do som.

Dança de salão.

Festival de dança das nações.

A finalidade desse projeto é organizar trabalhos que mostrem aos alunos que podemos nos comunicar e expressar nossos pensamentos através da arte, e para tal comunicação podemos utilizar canto, teatro, danças, pinturas desenhos ilustrações, bandinhas, instalações etc. Convidar as turmas da escola para criar um festival de danças das nações onde cada sala ficaria responsável em apresentar uma dança de determinada nação.

O projeto apresenta como provocação a arte como linguagem universal e patrimônio comum às nações e as culturas. Um bem, construído por meio de sons, imagens gestos que deve ser compartilhado por todos. O projeto contrapõe a existência de diferentes códigos universais e valoriza as diferenças. Ao abordar esses dois aspectos, tem-se como princípio que uma cena, uma tela um gesto ou uma música independente da nacionalidade, pode ser apreciada e sentida por todos. Mas ao mesmo tempo, também enfatiza a necessidade em preservar, conhecer e aprender com a diversidade, a estranheza e o diferente de cada cultura. Pretende-se que os alunos possam se familiarizar e valorizar as diferentes culturas para poderem interpretar e interagir no atual contexto multicultural (BELLO, 2008, p.38).

Programa anual de ensino para os alunos de cinco anos de idade (2º período).

1º bimestre.

Projeto um: A música de uma história, uma história da música.

Uma história cheia de arte.

Uma história para contar, dramatizar, musicar.

O som e o silêncio.

A arte dos sons.

Entorno sonoro.

O som da tela.

Tarsila do Amaral.

Fazendo arte com sons.

Elementos da música.

A música de uma história.

Rap.

Os instrumentos.

Jonh Cage.

Orquestra.

Uma história para dramatizar.

A música da história.

A história da música.

A música pode ser o primeiro contato da criança com o mundo das artes através das cantigas de ninar, levar a música para a sala de aula é uma proposta muito interessante e proporciona ao professor o trabalho com muitas atividades prazerosas para os pequenos como: cantigas de roda, músicas folclóricas, construção de instrumentos musicais com sucata, auditórios, organização de uma bandinha, criar coreografias, trabalhar os sons do corpo, musicar e sonorizar uma história ou uma peça teatral dentre tantas outras atividades que possibilitem o trabalho com a música.

Este projeto articula os elementos fundamentais da linguagem musical pela investigação do entorno sonoro, por meio de imagens, textos, experimentos, audições, confecções de instrumentos e execuções musicais.

No desenvolvimento deste projeto, o objetivo de estudo é a obra teatral que poderá ser vivenciada e apreciada isoladamente ou em conjunto com outras linguagens da arte, como a dança e as artes visuais, por meio de um espetáculo teatral. (BELLO, 2008, p.11).

2º bimestre.

Projeto dois: Ponto a ponto, linha a linha... Figurino e figurinhas!

O ponto.

A linha.

Colagem.

Equilíbrio.

Jackson Pollock.

Gustav Klimt.

Melodia.

Figurino.

Este projeto pretende mostrar aos alunos que o ponto e a linha são elementos fundamentais da linguagem visual. A partir deles, é que as imagens são construídas, tendo como proposta a criação de uma peça teatral utilizando o ponto e a linha como foco para a criação de figurinos, cenários e telas inspiradas na obra de Gustav Klimt e Jackson Pollock.

Este projeto tem como intenção a leitura da paisagem, por meio da familiarização dos códigos da linguagem visual, pretendendo levar os alunos a perceberem como os elementos expressivos das linguagens da arte se relacionam, ampliando assim, a sua capacidade de leitura, interpretação e apreciação da arte presente no seu cotidiano.

A proposta deste projeto parte da história de uma peça teatral para articular situações vivenciadas entre as linguagens da Arte como o teatro, a Dança e as Artes Visuais. Pretende-se que, ao final deste projeto, os alunos tenham agregado novos conhecimentos e novos elementos ao seu vocabulário expressivo, a fim de produzir com criatividade e maior independência (BELLO, 2008, p.27).

3º bimestre.

Projeto três: Tom sobre tom...

Cores.

Vincent van Gogh.

Wassily Kandinski.

Arte indígena brasileira.

Joan Miró.

Notas musicais. Plano.

Cenário.

Este projeto tem como referências as obras de Vincent Van Gogh, Joan Miró e Wassily Kandinski trabalhando cores primárias, secundárias e mistura de cores. Construir com os alunos uma exposição de cor e sons, utilizando experimentos, fotos, relatos sobre o som a cor. Criar uma apresentação de dança inspirada nos tons e sons.

O projeto propõe trabalhar a relação entre a integração das cores e dos sons por meio da investigação de imagens, textos histórias, músicas e, inclusive peças teatrais.

O objetivo de estudo é a integração das linguagens cênica, visual e musical partindo da ideia de que podemos recriar a história dia a dia, mudando-a ou dando-lhe um novo tom (BELLO, 2008, p.36).

4º bimestre.

Projeto quatro: Momentos da arte, história em movimento.

Movimento.

A arte da dança.

A dança universal.

A dança no Brasil.

Portinari e Waldomiro de Deus.

Coreografia.

Dramatização.

Reprodução.

Momentos e movimentos de uma peça ou musical.

A dança é rica em todos os sentidos, principalmente em razão da diversidade dos povos que contribuem para a formação de muitas culturas, no Brasil temos influências dos portugueses, africanos, indígenas italianos dentre outros que propiciam a construção de um panorama colorido, alegre e repleto de significado, o que possibilita ao professor explorar diversos ritmos, danças e músicas. Apresentar aos alunos algumas obras de Cândido Portinari e

Waldomiro de Deus que possibilitam a visualização da música e da dança na pintura.

Este projeto parte da ideia de que tudo está em movimento, imagens, músicas e sons. Assim ele articula os elementos fundamentais da linguagem corporal por meio da investigação do entorno de imagens, textos e experimentos, pretendendo que os alunos tenham acesso à cultura brasileira e universal e, por meio da sua fruição, apreciação e produção, possam se familiarizar com a arte, sabendo reconhecê-la e utilizá-la com prazer, alegria e criatividade (BELLO, 2008, p.44).

As circunstâncias que provocam alunos e professores presentes nos projetos são dinamizadas de forma flexível e propõem a valorização do educando e dos educadores e a diversidade da realidade educacional brasileira. Cada projeto ajusta problematização e saberes de maneira a beneficiar o multiculturalismo, a identidade, a interação entre as linguagens artísticas e as novas linguagens com base no contexto histórico, nos novos mapas culturais, nas estéticas e nos movimentos de época diversos da arte brasileira e universal. As obras reproduzidas neste material contemplam produções recentes e do passado, de grandes pintores, compositores e autores universais e contemporâneos.

Infelizmente a parceria com o Sistema de Ensino Aprende Brasil não continuou no ano de 2013, não sei se pelo custo do material ou se pela mudança de gestores da Secretaria de Educação, mesmo assim a escola onde leciono continuou utilizando a mesma linha de trabalho para o desenvolvimento do planejamento do Ensino de Artes do ano de 2013, visto que tanto as professoras, coordenadoras e principalmente os alunos gostaram muito dessa nova maneira de se trabalhar com o ensino de artes.

CAPÍTULO 3: Metodologia de pesquisa.

3.1. Instrumentos de coleta de dados.

Coleta de dados sobre o Ensino de Artes visuais na cidade de Conselheiro Lafaiete.

Entendo como fundamental, no processo dessa pesquisa, descobrir e compreender a forma de trabalho dos educadores aqui pesquisados. As perguntas da entrevista e do questionário foram formuladas para conseguir informações relevantes ao ensino de Artes visuais nas turmas de educação infantil e buscar uma maior compreensão da forma de trabalho das educadoras, das práticas pedagógicas e metodologias adotadas no ensino de Artes visuais nessa cidade.

A intenção é buscar esclarecimentos de alguns pontos importantes sobre a formação acadêmica dos professores, sua forma de trabalhar o conteúdo artístico, mudanças e transformações na sua forma de trabalhar com Artes visuais, dentre outros questionamentos, para que com base nessas respostas possa pontuar de maneira mais clara e objetiva a linha de trabalho desses educadores.

3.1.1. Entrevista.

As perguntas desta entrevista foram baseadas em um questionário apresentado na monografia *O Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil: Especialização Em Ensino de Artes Visuais*, de Keila Aparecida de Oliveira Pereira. – 2011 pela UFMG.

Esta entrevista foi realizada com dez professores da Educação Infantil da rede municipal de ensino da cidade de Conselheiro Lafaiete. Verifica-se que todos os participantes são do sexo feminino com idade entre 30 e 50 anos. Todas as educadoras possuem nível superior e são pós-graduadas em diferentes áreas da educação.

Perguntas.

1- Em sua formação acadêmica, você teve acesso ao ensino de Artes Visuais? Se sim, como foi? Se não, você tem alguma informação sobre esse campo de conhecimento?

A maioria das entrevistadas teve contato com essa área do conhecimento, algumas no curso de graduação em pedagogia, outras em formação continuada e cursos fornecidos pela Rede Municipal de Ensino e uma por estar participando do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Apenas três professoras afirmaram não ter tido acesso ao ensino de Artes Visuais, duas delas obtiveram informações e adquiriram conhecimentos nessa área através de pesquisas e estudos pela internet e a outra possui poucos conhecimentos na área, mas mesmo assim, informou que está se esforçando para aprender e melhorar as suas aulas de artes.

As professoras que receberam formação na graduação, afirmaram que a matéria foi trabalhada de forma superficial não proporcionando embasamento teórico suficiente para o desenvolvimento de um bom trabalho, já a que está se especializando em artes visuais relatam estar muito satisfeitas com o curso que abriu novos horizontes para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas.

2- Como você trabalha o conteúdo de Artes Visuais em sua sala? Os materiais e o espaço físico são adequados? Dê exemplo de uma atividade artística que desenvolveu com seus alunos.

Todas as educadoras informaram que as escolas fornecem alguns materiais básicos para o trabalho com o ensino de Artes Visuais, mas infelizmente o material e principalmente o espaço físico ainda não são os mais adequados, pois todas afirmaram que nas escolas deveria existir uma sala destinada aos trabalhos artísticos.

Segundo as professoras, os alunos realizam várias atividades artísticas e produzem varias obras como: mosaicos com materiais variados, colagens, recortes, releitura de obras, autorretrato, trabalhos com materiais recicláveis, desenhos livres, dobraduras, fantoches, máscaras, pintura e modelagens, algumas delas realizam exposições das obras de seus alunos nas escolas.

3- Você considera o ensino de Artes Visuais tão importante quanto às demais disciplinas?

Todas as educadoras responderam sim para este questionamento. Muitas entrevistadas acham o conteúdo artístico de fundamental importante para o desenvolvimento dos alunos, uma das entrevistadas citou a matéria como uma auxiliar no processo de ensino aprendizagem das crianças, mas afirmaram também que as escolas necessitam de mais investimento do poder público nessa área do conhecimento, como livros e outros materiais específicos para o trabalho com as artes.

4- Você acha que os professores da Educação Infantil necessitam de uma formação em artes visuais?

Grande parte das educadoras afirma ter algumas dificuldades em planejar e trabalhar os conteúdos propostos para a idade série dos alunos e percebem também a necessidade de cursos ou formação continuada para que o trabalho com o ensino de artes seja desenvolvido de forma mais efetiva buscando sempre um maior desenvolvimento dos alunos. Três entrevistadas vão mais longe e afirmam que as escolas poderiam ter um professor específico especializado para trabalhar o conteúdo separadamente das outras disciplinas em todas as séries.

O que aperfeiçoa o reconhecimento dos processos de criação genuínos de alunos de qualquer faixa etária é a formação em artes dos professores, suas práticas artísticas e o conhecimento sobre as aprendizagens em arte na infância, e esses são os conteúdos de formação. Um professor que nunca modelou com argila, nunca pintou, nunca filmou e fotografou nem trabalhou com imagens na tela de um computador não saberá observar e promover atos criativos

dos alunos nessas modalidades, pois desconhece suas potencialidades e limites, não sabendo então orientar seu uso. (LAVELBERG, 2013, p.7)

5- O que você achou do material que foi fornecido pela Secretaria de Educação no ano de 2012 para o trabalho com o ensino de artes?

Todas as educadoras afirmam ter gostado de trabalhar com a proposta de ensino do sistema Aprende Brasil, afirmaram que este material trouxe uma nova maneira de se trabalhar muitos conteúdos que já eram apresentados às crianças, muitas afirmaram que no início acharam bem diferente a forma de se trabalhar, mas que depois observaram a evolução, o progresso e principalmente a satisfação dos alunos no desenvolvimento das atividades propostas. Muitas demonstraram a sua insatisfação por não possuírem este material de trabalho durante o ano de 2013.

6- Como você percebe a sua forma de trabalhar hoje? Suas aulas melhoraram, pioraram ou você continua trabalhando da mesma forma que trabalhava no início da sua carreira?

Todas as professoras responderam que a sua forma de trabalhar mudou e melhorou. Muitas delas falaram que no início de sua carreira só utilizavam lápis de cor, recortes, pinturas, colagens destituídas de significado e sem se preocupar com o objetivo para as atividades. Hoje as aulas são planejadas buscando o desenvolvimento satisfatório do aluno e passaram a se preocupar mais com o planejamento e desenvolvimento dos conteúdos propostos aos alunos nas aulas de Artes, e têm a consciência de que a busca pelo conhecimento não pode parar. Três delas colocaram a importância do fazer, contextualizar e fruir nas atividades propostas, atitudes estas, que antes de possuir um maior conhecimento sobre o conteúdo e propostas pedagógicas para o ensino artes visuais não faziam parte de suas rotinas diárias.

3.1.2. Questionário.

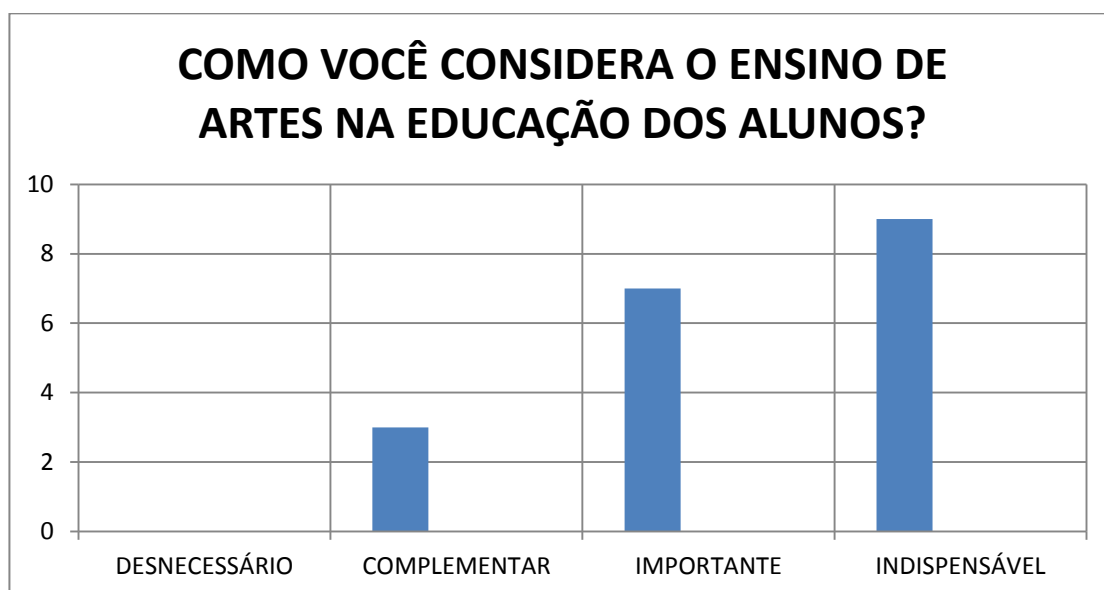
Este questionário foi aplicado em algumas escolas da Rede Municipal de Ensino na busca de mais informações sobre o processo de ensino aprendizagem das Artes Visuais nesta cidade.

Novamente todos os participantes são do sexo feminino com idade entre 30 e 50 anos, somente uma educadora não possui nível superior, a maioria das outras professoras já são pós-graduadas em alguma área da educação e outras estão cursando suas especializações.

Foram enviados vinte e cinco questionários para educadoras de diferentes escolas do município e seis delas se recusaram a responder às questões.

Questões aplicadas.

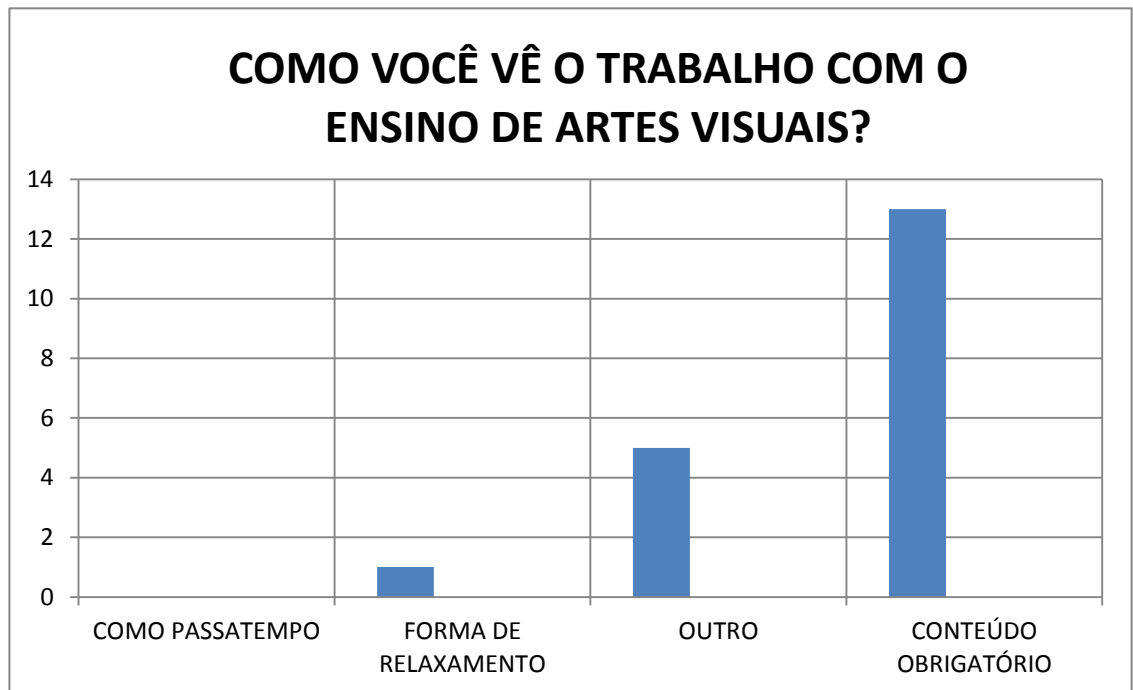
- 1- Como você considera o ensino de Artes na educação dos alunos?



Das dezenove educadoras que responderam esta pergunta, sete afirmaram ser importante, três complementar e nove indispensável, nenhuma das participantes julgou o ensino de Artes na educação desnecessário.

- 2- Como você vê o trabalho com o Ensino de artes visuais?

Figura 2



A maioria das professoras afirma que vêem o ensino de artes como conteúdo obrigatório, uma delas vê como forma de relaxamento e cinco delas pontuaram outras opiniões como: aquisição de cultura, importante, complementar e necessário.

3- Durante as aulas de artes visuais o que é possível observar nas crianças? Fale um pouco das suas experiências em sala.

As respostas para esta questão foram bem diversificadas, foram observados vários comportamentos como: interação, socialização, desenvolvimento do potencial criador, descontração, desenvolvimento sócio cultural, alegria, trocas de ideias espontaneidade, prazer e liberdade de expressão.

A relação entre as crianças e os adultos torna-se interessante a partir do momento em que o professor deixa de se considerar um especialista alguém que sabe e que transmite o seu saber, para começar a sentir-se uma pessoa que tem ainda muito que aprender e que pode maravilhar-se junto com as crianças (MANFREDI, 2013, p.10).

4- Para você qual é o objetivo das aulas de artes?

A maioria das professoras afirmou ser o desenvolvimento da criatividade e a capacidade de criação. Outras o trabalho com costumes tradições, sentimentos e despertar o gosto e interesse pela arte. Apenas uma citou a ampliação da visão de mundo.

5- Cite algumas mudanças que possam ter ocorrido na sua forma de trabalhar o conteúdo de artes desde o início de sua carreira.

As artes visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. (RCNEI, 1998, p.85).

Grande parte das professoras citou o uso de diversos materiais inusitados e a diversificação das atividades como principais mudanças na sua forma de trabalhar. Uma das educadoras afirmou que há algum tempo atrás, as aulas de artes eram simplesmente “fazer”, seja, uma pintura, um desenho, colagem, etc. Hoje o ensino de artes se baseia no refletir, apreciar, produzir por meio de projetos que partem de uma problematização.

6- A que você atribui essas mudanças?

Uma das participantes atribuiu a suas mudanças à necessidade de levar os alunos à compreensão do saber estético e a construção de novos saberes artísticos por meio da alfabetização estética, onde eles poderão realizar eficientemente o diálogo com o mundo das artes lendo, compreendendo e refletindo, expressando e fazendo arte.

A maioria das professoras atribuiu tais mudanças a conhecimentos que obtiveram em cursos de especialização, cursos de formação continuada, troca de experiências com colegas de profissão e principalmente as experiências vivenciadas em sala.

O ser humano apreende o mundo por meio dos sons, da escrita, do movimento e das imagens. No entanto, constatamos que grande parcela da sociedade encontra-se destituída do saber estético. Além disso, muitas vezes, esse saber está situado à margem dos processos de percepção, sensibilização, cognição e reflexão, caracterizando gravemente o quadro de analfabetismo estético e educação dos sentidos. (BELLO, 2008, p.5).

3.1.3. Apresentação das atividades.

A busca por atividades trabalhadas em períodos diferentes surgiu da necessidade de se evidenciar de forma concreta as transformações que aconteceram durante o período pesquisado. O que se pretende com os trabalhos coletados é proporcionar uma breve observação da metodologia aplicada no início do período estudado e a sua evolução no decorrer do percurso.

As atividades a seguir foram ministradas durante os primeiros anos do período estudado, e foram cedidas por algumas professoras de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino.

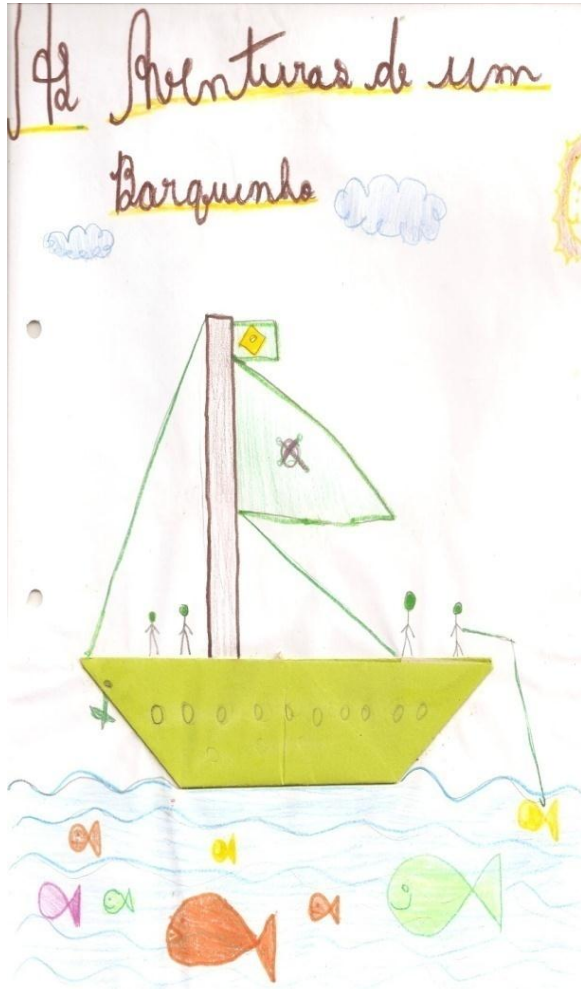


figura 3

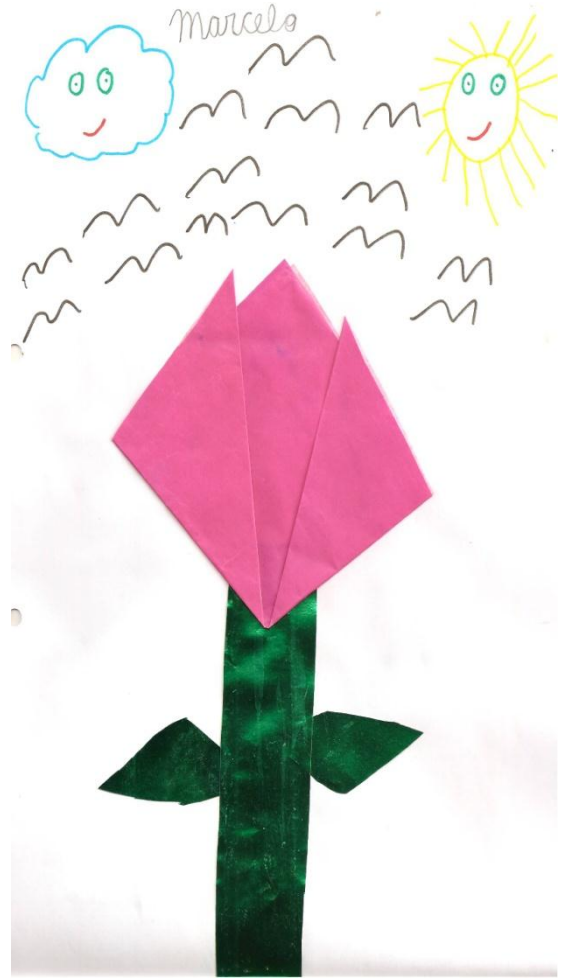


figura 4



figura 5



figura 6



figura 7

PROJETO: História e Arte
Dia do Soldado



figura 8

As atividades a seguir foram trabalhadas nos últimos anos do período estudado.



figura 9



figura 10

AUTORRETRATO É UM DESENHO OU PINTURA QUE ALGUÉM FAZ DE SI PRÓPRIO. ELE NÃO MOSTRA SOMENTE UM ROSTO, MAS REFLETE A PERSONALIDADE E OS DESEJOS DE QUEM O PINTOU. NUM AUTORRETRATO, O ARTISTA MOSTRA COMO ELE MESMO SE VÊ OU COMO GOSTARIA QUE OS OUTROS O VISSEM.

OBSERVE OS AUTORRETRATOS DE ALGUNS ARTISTAS:

<p>PICASSO, Pablo. Autorretrato. 1972. 1 giz de cera sobre papel- color, 67,7 x 50,5 cm. Coleção privada.</p>	<p>MALFATTI, Anita. Autorretrato. 1922. Pastel sobre papelão; 36,5 x 25,5 cm. Coleção USP São Paulo.</p>	<p>MIRÓ, Joan (1893-1983). Autorretrato. 1919. 1 óleo sobre lona, 73 x 60 cm. Museu Picasso, Paris.</p>	<p>ZANINI, Mário. Autorretrato. Sem data, cremim sobre papel, 61,5 x 48 cm, Museu de Arte Contemporânea da USP Foto Romulo Faldini.</p>
--	---	---	--

PARA PRODUZIR UM AUTORRETRATO, PRECISAMOS NOS OLHAR NO ESPELHO PARA PERCEBER NOSSAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS.

figura 11

AGORA É A SUA VEZ DE FAZER SEU AUTORRETRATO! NÃO SE ESQUEÇA DE DECORAR A MOLDURA PARA SUA PRODUÇÃO:

ASSIM ME VEJO


COMPARE SEU AUTORRETRATO COM O DE SEUS COLEGAS, OBSERVANDO SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE VOCÊS. CONVERSEM UM POUQUINHO SOBRE ELAS.

figura 12

DESCUBRA A RESPOSTA DE MAIS UMA ADIVINHA!

O QUE É, O QUE É...
QUANDO DEITA FICA EM PÉ E QUANDO LEVANTA FICA DEITADO?

UMA DICA: A RESPOSTA DESSA ADIVINHA É O TÍTULO DE UMA OBRA DE ARTE DE **CANDIDO PORTINARI**. OBSERVE A OBRA:



PORTINARI, Candido. **Pé**. 1944. 1 Nanquim aguada sobre papelão, 27 x 47 cm. João Candido Portinari/Projeto Portinari.

- QUAL É O TÍTULO DESSA OBRA DE ARTE?
- VOCÊ DARIA OUTRO NOME PARA ELA? QUAL?
- O QUE MAIS CHAMA SUA ATENÇÃO NESTA OBRA?
- ESSE PÉ É DE UMA PESSOA ADULTA OU DE UMA CRIANÇA?
- QUE TIPO DE CALÇADO ESTÁ NESSE PÉ?
- POR QUE USAMOS CALÇADOS?
- QUE MATERIAIS FORAM UTILIZADOS POR CANDIDO PORTINARI PARA PINTAR ESSE QUADRO?
- ONDE VOCÊ ENCONTROU ESSA INFORMAÇÃO?
- EXISTEM OUTRAS INFORMAÇÕES? QUAIS?

figura 13

SE VOCÊ FOSSE O ARTISTA...

- VOCÊ USARIA OUTRAS CORES PARA PINTAR O PÉ? QUAIS?
- DESENHARIA UM OUTRO TIPO DE CALÇADO? QUAL?
- PINTARIA UM PÉ DE ADULTO, CRIANÇA OU BEBÊ?
- PINTARIA UM PÉ, DOIS OU MAIS?

AGORA, **VOCÊ É O ARTISTA**. CRIE SUA PINTURA COM BASE NA OBRA DE CANDIDO PORTINARI. NÃO SE ESQUEÇA DE DAR UM NOME PARA ELA.


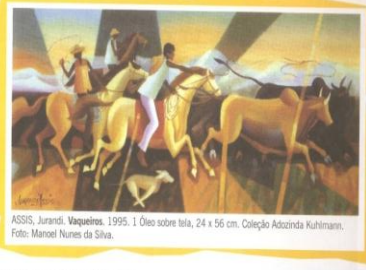


figura 14

PODEMOS REALIZAR MUITAS ATIVIDADES E ISSO SOMENTE É POSSÍVEL POR CAUSA DO TRABALHO EM CONJUNTO DE TODAS AS PARTES DO NOSSO CORPO.

APRECIÉ ESTA OBRA DE ARTE, PINTADA POR JURANDI ASSIS E CONVERSE SOBRE ELA:




ASSIS, Jurandi. **Vaqueiros**. 1995. 1 Óleo sobre tela, 24 x 56 cm. Coleção Adozinda Kuhlmann. Foto: Manoel Nunes da Silva.

- O QUE VOCÊ VÊ NA CENA REPRESENTADA?
- QUE PARTES DO CORPO AS PESSOAS REPRATADAS ESTÃO MOVIMENTANDO?
- VOCÊ JÁ ANDOU A CAVALO?
- O QUE É PRECISO FAZER PARA MONTAR EM UM CAVALO? IMITE ESSE MOVIMENTO.
- OS ANIMAIS DESSA CENA PARECEM ESTAR CORRENDO OU ANDANDO LENTAMENTE?

figura 15

DESTAQUE DO MATERIAL DE APOIO AS PARTES QUE ESTÃO FALTANDO NA OBRA **Vaqueiros**, DO ARTISTA JURANDI ASSIS. COLE CADA PARTE NO LUGAR CORRESPONDENTE:



ASSIS, Jurandi. **Vaqueiros**. 1995. 1 Óleo sobre tela, 24 x 56 cm. Coleção Adozinda Kuhlmann. Foto: Manoel Nunes da Silva.

figura16

Capítulo 4: Análise dos resultados.

Quero ressaltar, que maioria das educadoras demonstrou boa vontade para responder as perguntas tanto da entrevista quanto do questionário. Não encontrei nenhuma resistência das professoras, nem da direção das escolas que apliquei os instrumentos de coleta de dados. A parte mais difícil foi à coleta de atividades, pois poucas professoras possuíam atividades antigas guardadas, mas elas se disponibilizaram para procurar e assim me ajudar na conclusão desse estudo. Recebi um ótimo tratamento de todos.

A presença das Artes Visuais na educação infantil, ao longo da história, tem demonstrado um descompasso entre os caminhos apontados pela produção teórica e a prática pedagógica existente. Em muitas propostas as práticas de Artes Visuais são entendidas apenas como meros passatempos em que atividades de desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinha são destituídas de significado (RCNEI, 1998, p.87).

Com base nas respostas obtidas verifica-se que grande parte das educadoras da cidade de Conselheiro Lafaiete está em uma busca constante por novos conhecimentos que as levem ao aprimoramento das suas aulas e da forma de se trabalhar com os conteúdos propostos para o Ensino de Artes Visuais. Mas nesse contexto, também fica evidente a necessidade de algumas mudanças, mas mesmo com poucos investimentos, a falta de local apropriado, materiais adequados... Enfim, mesmo com algumas dificuldades, não podemos cruzar os braços e apenas reclamar do sistema em que estamos inseridos, devemos aproveitar o pouco tempo que temos para proporcionar experiências inesquecíveis traçando assim o percurso de criação e construção do conhecimento.

Mesmo com papéis, lápis de cor e canetinha, é possível fazer muita coisa. Mais importante que o material é a atitude em relação a ele. É acreditar que a criança tem algo a dizer e que pode fazer isso com qualquer coisa. É possível criar com papel, com jornal, com folhas, com pedrinhas, enfim, com o que quiser. (ALBANO, 2013, p.19).

Pelas respostas obtidas, pode-se dizer que muitas mudanças já ocorreram, o que indica que o município está no caminho certo. Porém com um pouco mais de investimento e boa vontade por parte de professores, pais, diretores, alunos e do poder público, muito mais poderá ser feito para que gradativamente toda a legislação seja colocada efetivamente em prática.

As imagens das atividades propostas nos primeiros anos do período estudado mostram claramente a interferência dos professores nos trabalhos realizados pelas crianças, na busca pela estética e beleza, muitos professores recortam, colam, pintam, dobram e etc. Para que os trabalhos dos alunos estejam “apresentáveis”, e com essa preocupação com a perfeição, muitos professores não percebem que estão privando seus alunos do crescimento intelectual e na formação do seu potencial criador. Os alunos não possuíam liberdade para a realização das atividades devido à grande preocupação com os padrões estéticos e de acabamento. Infelizmente tais atitudes prejudicavam a construção do conhecimento artístico e limitava a compreensão e o desenvolvimento do potencial criativo do educando, que por sua vez, sempre ficava aguardando as instruções e intervenções de seu professor para que o trabalho saísse exatamente como ele desejava.

Outra prática corrente considera que o trabalho deve ter uma conotação decorativa, servindo para ilustrar temas e datas comemorativas enfeitar paredes com motivos considerados infantis, elaborar convites, cartazes e pequenos presentes para pais etc. Nessa situação, é comum que os adultos façam grande parte do trabalho, uma vez que não consideram que a criança tem competência para elaborar um produto adequado (RCNEI, 1998, p.87).

Já nas atividades realizadas nos últimos anos do período estudado, pude perceber a busca pela contextualização das atividades, que retratam de maneira simples e agradável as novas propostas para se realizar um bom trabalho com os conteúdos de Artes Visuais.

As crianças necessitam de estímulo orientações e autonomia para a realização das atividades propostas pelos educadores, mas estes profissionais buscam estar atentos para que estas orientações não se tornem

excessivas e desnecessárias para que os alunos não se sintam limitados e sem espaço para expressar a sua capacidade criadora.

As crianças têm suas próprias impressões, ideias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com o seu próprio fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. A partir daí constroem significações sobre como se faz, o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte. (RCNEI, 1998, p.89).

Nesse estudo verifica-se que o Ensino de Artes Visuais está diretamente ligado ao desenvolvimento dos alunos da Educação Infantil. O papel do educador é de fundamental importância para o crescimento e a alfabetização estética dos pequenos, por isso as ações requerem planejamento, estudo e dedicação dos mesmos. Percebe-se claramente que a formação dos educadores é peça fundamental para que haja mudanças concretas e efetivas nas escolas, por meio da informação e do conhecimento professores e alunos poderão realizar eficientemente as mudanças que as escolas tanto necessitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As reflexões desse trabalho de pesquisa surgiram durante o Curso de Especialização em Artes Visuais à Distância. EBA/UFMG, onde no primeiro momento me deparei com uma maneira de abordar o conteúdo do ensino de artes e suas especificidades que eu não conhecia muito bem e outros de que eu nunca tinha ouvido falar. Entre tantas novidades e descobertas, com a cabeça cheia de novos conhecimentos e a mente fervilhando com as novas metodologias apresentadas, parei, respirei fundo e iniciei uma introspecção que não gostei nada. Foi um pequeno filme que passou rapidamente diante dos meus olhos, foram tantos erros no percurso, tantas atividades que poderiam ser planejadas de forma diferente, tantos conteúdos fora da realidade dos meus alunos, enfim muita coisa poderia ter sido trabalhada de outra maneira. Mas também teve o lado bom, que muitas das minhas práticas estavam corretas, nem tudo estava perdido.

Comecei a pensar o que me levou a planejar dessa forma e me lembrei da minha vida escolar onde acho que nunca tive um professor de artes com habilitação nesta área de ensino, lembrei-me do magistério, cujo conteúdo de Educação artística da época era fazer uma pasta contendo desenhos de todas as datas comemorativas do ano bem coloridas. Depois a faculdade de pedagogia, onde também não obtive nenhum conhecimento na área de artes. Um ditado popular nos diz que, “Só podemos dar aquilo que temos.” levando este ditado para a minha prática pedagógica na área de artes, como eu poderia proporcionar aos meus alunos tais conhecimentos se eu nunca os tive?

Ao observar e analisar as repostas das minhas colegas de profissão ficou bem claro para mim que muitas delas passaram pelas mesmas dificuldades que eu passei até começar a obter algum conhecimento para se trabalhar com o Ensino de Artes visuais. Tive uma boa surpresa ao perceber que a maioria das professoras que responderam aos questionários e que foram entrevistadas está buscando reformular e inovar as suas aulas de artes, foi uma constatação que me deixou muito feliz, mas também consegui perceber

que a postura dos educadores em relação ao ensino/ aprendizagem das artes visuais no universo infantil precisa de algumas mudanças, para proporcionar aos nossos alunos contribuições significativas quanto ao mundo das artes visuais.

Os professores muitas vezes por falta de qualificação adequada, acaba propondo aos seus alunos atividades repetitivas, desestimulantes, onde os alunos não necessitam utilizar suas habilidades. Alguns educadores, por não conhecer os inúmeros recursos que possuímos hoje em dia, para se trabalhar o fazer artístico de forma agradável, enriquecedora e revolucionária que instigam a capacidade criadora e criativa de nossos alunos, acabam propondo aulas que não vão acrescentar nenhum conhecimento ao educando.

As imagens se fazem presentes nos dias atuais em muitas áreas como: comerciais, empresariais, instituições públicas e é claro nos inúmeros segmentos artísticos e a criança desde muito pequena está diretamente conectada a elas pela televisão, quando estão andando pela cidade, observando propagandas, revistas, enfim, as imagens já são compreendidas por elas muitas vezes antes do conhecimento das letras dependendo do contexto que elas estão inseridas. Uma das características desta faixa etária é a curiosidade que deve ser aguçada oferecendo estímulos através do ensino de artes visuais, que possibilitará o desenvolvimento da educação estética, cognitiva e global do educando.

Referências.

BARBOSA, Ana Mae, *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*, São Paulo: Perspectiva. Fundação IOCHPE. 1991.

_____, *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BEINEKE, Viviane. A música nas práticas criativas da Educação Infantil. *Revista Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, n.37, p.20-23 out/Nov 2013.

BELLO, Maristher Motta, *Educação Infantil: artes, Sistema de Ensino Aprende Brasil*. Curitiba: Positivo, 2008. Livro do professor, volume anual, educação infantil, artes 1º período.

_____, *Educação Infantil: artes, Sistema de Ensino Aprende Brasil*. Curitiba: Positivo, 2008. Livro do professor, volume anual, educação infantil, artes 2º período.

BRASIL. Lei nº 9.394, de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e Bases da Educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em : < <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 27 set. 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CORAGEM, Amarílis, *Artes visuais nos anos iniciais da escolarização*, Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2011.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira, *Múltiplas Linguagens e Formas de Interação da Criança com o Mundo Natural e Social II: Corporeidade, Artes e Musica*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2009.

FERREIRA, Paulo Nin. Infância arte e cultura. *Revista Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, n.37, p.12-15 out/Nov 2013.

GOUTHIER, Juliana. História do ensino da Arte no Brasil. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. *Curso de especialização em ensino de artes visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, c2009.

LAVELBERG, Rosa. Aprender e ensinar a fazer arte. *Revista Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, n.37, p.04-07 out/nov 2013.

MANFREDI, Francesca. Algumas reflexões sobre a cultura do ateliê. *Revista Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, n.37, p.08-11 out/Nov 2013.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Metodologias do Ensino de Artes Visuais. In: _____ et al. *Curso de especialização em ensino de artes visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, c2009.

_____, O Ensino de Arte e a sua Pesquisa: Possibilidades e desafios. 2006. Disponível em: <HTTPS://ufmgvirtual.grude.ufmg.br/course/view?id=349141>. Acesso em 28 set. 2013. 4p.

REVISTA PÁTIO EDUCAÇÃO INFANTIL. Porto alegre: Ed. PALLOTTI, Ano XI- outubro /novembro 2013. ISSN 1677-37821 número 37. Artigos rosa Lavelberg, Francesca Manfredi, Paulo Nin Ferreira e Viviane Beineke.

VENEROSO, Maria do Carmo Freitas: Críticas das artes visuais, moderna e contemporânea. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais à Distância EBA/UFMG.

WWW.aprendeconselheiroLafaiete.com.br. Acesso em 10 set, 2012.